

ALMA GENTIL

Novos Sonetos de Amor

Alcides Werk . Anatole Ramos
Anderson de Araújo Horta
Anderson Braga Horta . Antonio Carlos Osorio
Cícero Acaiaba . Elson Farias
Emil de Castro . Eno Teodoro Wanke
Fernando Mendes Vianna . Fernando Py
Foed Castro Chamma . Francisco Carvalho
Francisco Miguel de Moura . Hardi Filho
Joanyr de Oliveira . João Carlos Taveira
José Alcides Pinto . José Geraldo
José Hélder de Souza . José Jeronymo Rivera
Linhares Filho . Luciano Maia
Luiz Manzollilo . Maria Braga Horta
Nilto Maciel . Olga Savary
Paulo Nunes Batista . Raimundo Alencar Peixoto
Thiago de Mello . Viriato Gaspar



CÓDICE

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DA REVISTA *LITERATURA*

1. A Associação tem por finalidade difundir a revista *Literatura*.

2. Os associados são leitores e colaboradores da revista.

3. O associado compromete-se a adquirir um exemplar, pelo menos, de cada edição da revista, como se fosse um assinante. O exemplar será remetido pelo correio, acompanhado de circular onde se estipulará o seu preço.

4. O associado poderá tornar-se colaborador da revista, se seus textos (poemas, contos, crônicas, ensaios etc) forem aprovados pelo Conselho Editorial.

5. As seções **Livros** (resenhas curtas) e **Primeira Coluna** (notícias literárias) são reservadas, prioritariamente, aos colaboradores, sem quaisquer ônus financeiros, porém de acordo com a disponibilidade de espaços.

6. A **Enquete** (cada edição traz um tema específico, com opiniões de escritores) será também destinada aos colaboradores-associados.

7. A seção **Novos Escritores** é, como o nome indica, destinada aos principiantes, estreantes, mesmo aqueles que já tenham livros editados por conta própria.

LANÇAMENTOS DA EDITORA CÓDICE

– *A Profissão dos Peixes*, poemas de Rubervam Du Nascimento.

Segunda edição, revista e diminuída, do único livro do poeta piauiense. 108 páginas da melhor poesia. O projeto de Rubervam é fazer de 5 em 5 anos uma nova edição, revista e diminuída, até à impressão da *Pedrapeixe*, em enormes cartazes.

– *Os Varões de Palma*, romance de Nilto Maciel.

Nono livro do escritor cearense. O crítico F. S. Nascimento assim inicia o estudo introdutório ao livro: "Em seus mais recentes livros, Nilto Maciel tem se revelado um explorador irrequieto do estilo na prosa de ficção, justificando-se o interesse da crítica por algumas dessas bem sucedidas experiências".

– *Tremores*, contos de Emanuel Medeiros Vieira.

Livro premiado no Concurso Nacional de Literatura, Prêmio Brasília de Literatura, 1991. Tendo estreado em 1972, com *A expiação de Jeruza*, este é o 12º livro do escritor catariense. Anderson Braga Horta diz: "Emanuel Medeiros Vieira é um vero escritor, que não somente sabe colocar substância no que escreve, mas que, sobretudo, sabe contar uma história, infundindo-lhe o mistério, a perspectiva, as contradições, a miséria e o milagre da vida".

São 93 sonetos de amor. Para deleite dos leitores mais sensíveis. Amor, Eros, Cupido. Um tema eterno, na versão de poetas brasileiros contemporâneos. Alguns nomes consagrados (e talvez eternos), outros ainda quase desconhecidos.

São sonetos dos mais variados feitios. Todos, porém, de catorze versos dispostos em dois quartetos e dois tercetos. A variedade está no metro e na rima.

O cultivo do soneto vem desde Dante (1265-1321), passando por Petrarca (1304-1374), Sá de Miranda (1495-1558) e outros grandes poetas da Literatura Universal. Durante o Romantismo o soneto entrou em declínio, até ser reabilitado pelo Parnasianismo. E, apesar de praticado há mais de 700 anos, continua vivo e belo. Como demonstram os 31 poetas reunidos nesta antologia.

ALMA GENTIL

Novos Sonetos de Amor

ALMA GENTIL

Novos Sonetos de Amor



CÓDICE

Direitos desta edição reservados à
Editora Códice
SQS 307 - Bloco D - Apto. 503
70354-040 - Brasília - DF

Revisão: Nilto Maciel

M152a	Maciel, Nilto (Org.) Alma gentil: novos sonetos de amor. Brasília, Códice, 1994. 136p.
	1. Poesia brasileira I. Título
	CDD 869.91

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária
Sonia Maria Abreu Costa (CRB - 1/94)

1994

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

APRESENTAÇÃO

A idéia de uma antologia de sonetos de amor nasceu após a publicação da coletânea *Grito, Logo Existo*, poemas-protesto. Primeiro o grito, o soco; depois o susurro, o afago, o beijo.

O título veio logo, em homenagem ao maior dos poetas líricos da língua portuguesa. Podeira ter sido *Tempo de amor*, a partir de "No tempo que de Amor viver soía..." Ou *O fogo do amor*, inspirado em "Amor é fogo que arde sem se ver..." Ou *Cantares de amor*, fundado em "Eu cantarei do amor tão docemente..." E muitos outros. E até seriam epígrafes magníficas. Porém fixei-me no "Alma minha gentil, que te partiste..." A exclusão do possessivo não creio seja nenhum arranhão ao imenso lirismo de Camões.

Para muitos, *Alma Gentil* pode não significar nada hoje. Pois, como diz Jamil Almansur Haddad, na bela introdução ao *Cancioneiro de Petrarca*: "Esta palavra 'gentil' tem uma acepção que o mesmo termo nos nossos dias não traduz mais. Traz em si a idéia de lealdade e cortesia, nobreza e honra. No homem são todos os atributos do perfeito cavalheiro. Na mulher, todas as superiores qualidades da dama, os mais característicos atributos de sua feminilidade."

Mas os títulos dos livros são como os nomes das pessoas – com o tempo tornam-se bem aceitos e até são copiados.

Depois veio a dúvida: que é soneto? Alguns poetas se apegaram à definição mais simples – composição poética de catorze versos. Para desespero dos puristas, que não aceitam soneto de pé-quebrado, de versos

brancos ou de quatro, cinco, seis sílabas. Para eles, soneto há de ser como os de Petrarca, Dante, Camões, Shakespeare, Sá de Miranda, Bocage e outros.

Para contentar gregos e troianos, e não fazermos discriminações que poderiam parecer discricionárias, aceitamos também sonetos até sem rima. Leitores gostam mais de sonetos de feitio clássico ou mais tradicionais. Outros preferem mudanças, novidades formais.

Foram convidados quase cem poetas. Alguns disseram não participar de coletâneas desse tipo. Outros nunca escreveram sonetos. Muitos não deram resposta ao convite. Assim mesmo, aqui estão reunidos 31 poetas, alguns de renome nacional e até internacional.

Vamos, pois, ao aval do leitor.

Nílto Maciel

SUMÁRIO

- Alcides Werk, 11
 Estudo VII, 12
 Estudo XI, 13
 Estudo XII, 14
- Anatole Ramos, 15
 Soneto do desencontro, 16
 Soneto de um compromisso descumprido, 17
 Soneto a uma aventura de amor, 18
- Anderson de Araújo Horta, 19
 Rosas, 20
 O teu sorriso, 21
 Dois corações, 22
- Anderson Braga Horta, 23
 Soneto de alegria, 24
 Um puro amor, 25
 Soneto antigo, 26
- Antonio Carlos Osorio, 27
 Fatum amoris, 28
 Navegação III, 29
 Soneto da ausência III, 30
- Cícero Acaiaba, 31
 Jóia, 32
 Alguém, 33
 A voz, 34
- Elson Farias, 35
 Um pássaro no ar, 36
 O poeta, 37
 Chuvvas esperadas, 38

- Emil de Castro, 39
Ainda amor, 40
Tântalo, 41
Rosa, Rosaura, 42
- Eno Teodoro Wanke, 43
O lúcido horizonte, 44
No parque, 45
Que o meu amor, 46
- Fernando Mendes Vianna, 47
Soneto da perfeição, 48
Soneto-ode da noite resgatada, 49
Soneto extravasado, 50
- Fernando Py, 51
Era um clarão esquivo..., 52
Tango, 53
Descante, 54
- Foed Castro Chamma, 55
Alegorias de abril I, 56
Alegorias de abril II, 57
Alegorias de abril III, 58
- Francisco Carvalho, 59
Serenata medieval I, 60
Serenata medieval II, 61
Serenata medieval III, 62
- Francisco Miguel de Moura, 63
Sensual Alice, 64
Andarilha, 65
A inteira voz, 66
- Hardi Filho, 67
A uma mulher bonita, 68
A um amante possessivo, 69
O noivado, 70

- Joanyr de Oliveira, 71
São resquícios de luas..., 72
Reencontro, 73
Saudade, 74
- João Carlos Taveira, 75
Soneto XLI, 76
Soneto de arrependimento, 77
Soneto de aspiração, 78
- José Alcides Pinto, 79
Samaritana, 80
O soneto mais romântico, 81
Teu corpo, 82
- José Geraldo, 83
Incerteza, 84
À tua espera, 85
Única imagem, 86
- José Hélder de Souza, 87
Soneto de despedida, 88
Fausto, 89
Antero, 90
- José Jeronymo Rivera, 91
Refúgio, 92
Depois..., 93
Encantamento, 94
- Linhares Filho, 95
Verão de ausência, 96
Canção de mar e terra, 97
Doação dos corpos, 98
- Luciano Maia, 99
Soneto no coração do dia, 100
Soneto do instante indivisível, 101
Três momentos, 102

- Luiz Manzolillo, 103
Via Láctea na Tijuca, 104
Ingênuas, 105
Lágrima, 106
- Maria Braga Horta, 107
Obrigada, amor!, 108
Velho tema, em velho estilo, 109
Lirismo, 110
- Nilto Maciel, 111
Oferenda, 112
Nem todo amor..., 113
Traições, 114
- Olga Savary, 115
Yruáia, 116
Frutos, 117
Nome, 118
- Paulo Nunes Batista, 119
Amor?!..., 120
Frustração, 121
Fêmea, 122
- Raimundo Alencar Peixoto, 123
Tarde demais, 124
Diante dela, 125
O teu olhar, 126
- Thiago de Mello, 127
Janela do amor imperfeito, 128
Poema da praça desterrada, 129
Amor, pura contradição, 130
- Viriato Gaspar, 131
O naufrago, 132
Arquivo-morto, 133
O brilho, 134

ALCIDES WERK Gomes de Matos nasceu em Aquidauana (MS), em 1934, e vive no Amazonas há mais de 35 anos. Tem esgotados *Da noite do rio*, *Trilha d'água* (três edições) e *Poems of the water and the land* (Poemas da água e da terra), edição bilíngüe. Escreveu, ainda, 12 posters-poemas, publicados anualmente na Semana Nacional do Meio Ambiente. É tido como um dos poetas brasileiros mais ligados à Natureza. Nas raras páginas que dedica ao fenômeno do amor homem/mulher, macho/fêmea, e seus conflitos, há um toque de lirismo, a luta por espaço no amor proibido, a traição biológica do amor unilateral, parasita, que suga a energia vital dos que o hospedam.

ESTUDO VII

Eis-me aqui nesta ausência de mim mesmo.
Posso agora buscar-me neste estranho
que uma falta de amparo, uma incerteza
de mim denunciou, sem mágoa ou custo.

Amo esta solidão porque me assiste
e me ensina o que sou. Todo o tumulto
desses rostos vazios, que não vivo,
dessas vozes que escuto, mas não sei

dá-me a clara certeza de que existo
apenas para o amor que tu me dás
integralmente, para o dom tranqüilo

que procede de ti, como um roteiro.
E assim, nesta distância, se me busco,
vejo um gesto de amor, que te ofereço.

ESTUDO XI

Imprecisa memória. Apenas lembro
o momento fecundo. E minha mente
aferindo os sinais de identidade
e conhecendo a lógica do encontro.

Tempo de amor maior quase tardio:
traços de adolescência em nossos sonhos,
a graça do recato em cada gesto
e a ternura brincando em nossos olhos.

Conceitos torturados, regimentos,
palavras soltas sobre as estruturas
e a sensação de perda irreparável.

Trago daqueles dias luminosos
uma angústia mortal e o gosto mórbido
de estudar as origens dos enganos.

ESTUDO XII

Impossível voltar. A caminhada
já foi longe demais, e não me encontro.
Há marcas fundas do caminho antigo,
mas não posso sentir, vivo agitado.

Vejo em volta de mim alguns pedaços
do meu ser dividido. E tento, às vezes,
fraco e mesquinho como um delinquente,
redescobrir a minha identidade.

Impossível voltar, e continuo.
Elaboro miragens e as persigo
com a determinação dos suicidas.

E, passo a passo, cada dia cumpro
a função de votar o que me resta
em sacrifício a ti, num rito amargo.

ANATOLE RAMOS nasceu em São Sebastião do Herval, hoje Ervália (MG), a 15 de outubro de 1924. Fez o curso de Direito da Faculdade da Rua do Catete, Rio de Janeiro. Sargento da Aeronáutica, integrou o 1º Grupo de Caça na Itália, durante a II Guerra. Licenciado em 1950, por suas atividades políticas na campanha de "O petróleo é nosso". Aposentado pelo AI-5. Em Goiânia fez o Curso de Letras na Universidade Federal. Lecionou em vários colégios. Exerceu o jornalismo. Publicou os livros *Canto alegre* (1964), *Antes das águas* (1968, romance), *Consciência didática* (1969, teatro), *Minhas queridas formigas* (1971, contos), *Ortografia sem acento* (1973, didático), *O planeta do silêncio* (1974, romance), *O inspetor* (1987, romance), *Hoje a noite é mais longa* (1988, contos), *O sargento vermelho* (1989, romance), *A surpresa da festa* (1989, contos) e *O fazendeiro que dedurou os bispos* (1971, crônicas).

SONETO DO DESENCONTRO

Desencontro de lâminas cortantes
– tesoura que prossegue indiferente –
de linhas paralelas desunidas
para o infinito além dos horizontes

Retos pronomes pessoais – tu ele
modos plurais em casos singulares
desencontrados tempos (eu estou
tu estavas – nunca estamos eu e tu)

Desencontro de todos desencontros
de mim de ti de nós que nos buscamos
de lábios corpos – diferentes donos

mãos estrangeiras se desentendendo
eterna confusão – pronomes tortos
tuele e eu – não ele e tu – tueu.

SONETO DE UM COMPROMISSO DESCUMPRIDO

Há mesmo um compromisso entre as criaturas
de mútuo respeitarem-se nas dores
é a trégua em que ofendidos e ofensores
não trocam entre si palavras duras

vão juntos esquecidos dos rancores
levar um morto à sua sepultura
sinceros compungidos alma pura
as mesmas orações as mesmas flores

Há mesmo um compromisso – ele existe
tacitamente aceito e obedecido
e tu – somente tu – não o cumpriste

pois quando nosso amor foi destruído
à sua sepultura o não seguiste
só eu estava lá triste e abatido.

SONETO A UMA AVENTURA DE AMOR

Há sol nesta manhã e estás tão fria
Há vida e vibração e estás ausente
És sombra que se estende à minha frente
Cadáver que ontem mesmo aqui fremia

Pois bem: que fique assim eternamente
Já houve tempo em que te pediria
E, até choro, eu me degradaria
Mas, hoje, tudo está bem diferente

Do amor só quero o fogo onde se anima
e se consome o sexo. Não tortura
do ciúme, que sufoca e desatina

a tudo transformando em desventura.
Deixar-te é bem mais fácil que imaginas
É apenas renunciar a uma aventura.

ANDERSON DE ARAÚJO HORTA nasceu em Tombos (MG), a 30 de novembro de 1906. Compôs os primeiros versos, ainda estudante, na vizinha Carangola. Faleceu em Brasília, a 16 de junho de 1985. Escreveu poesia e prosa em razoável quantidade, mas pouco publicou, cogitando a família de organizar-lhe uma seleta. Figura na *Antologia dos poetas de Brasília* (1971), e, juntamente com a esposa, Maria Braga Horta, no 2º vol. de *Escritores brasileiros ao vivo*, de Danilo Gomes (1980).

ROSAS

Quando nascemos, na manhã da vida,
Se nos deparam rosas nos caminhos...
Rosas de amor, na virginal guarida,
Rosas sem par e rosas sem espinhos.

Depois, andamos nos sertões maninhos,
À cata de uma rosa fenecida...
E na luz, e na voz dos passarinhos,
Há sempre rosas de uma dor sentida!

Mas... quantas rosas, quantas... quantas rosas
Morrem de amor e morrem de despeito,
No remanso das tardes vagarosas...

E depois que morreres, no teu leito,
Hás de levar, em profusão de rosas,
Rosas no coração, rosas no peito!

O TEU SORRISO

O teu sorriso, qual um verso mudo
Que se perde nos páramos sidéreos,
Fere meus olhos, meus ouvidos... Fere-os
O teu sorriso eterno de veludo.

O teu sorriso, pelo qual estudo
Risos de santos, risos de Tibérios...
Ora me punge... ora produz-me etéreos
Gozos... Amor! O teu sorriso é tudo!

O teu sorriso, que eu quisera ter
Preso à minh'alma, como branca ermida,
O teu sorriso é que me faz sofrer!

O teu sorriso é luzes, é guarida,
A razão do meu ser e do teu ser...
O teu sorriso é a minha própria vida!

DOIS CORAÇÕES

Tu tens um coração dentro da boca
E tens um coração dentro do peito...
Dois corações?! Mas, que morena louca!
Perdão... tudo que vejo está direito:

Tudo o que tens de belo está bem feito...
Somente é pouca a inspiração, é pouca,
Para cantar teu coração do peito,
Para pintar teu coração da boca!

Morena, escuta aqui: não tenho jeito
De alimentar o amor que se me apouca
Na voluptuosidade de teu leito.

Morena, escuta bem: não sejas mouca...
Quando eu pedir o coração do peito,
Oh! não me dês o coração da boca!

João Guimarães
L. Guimarães poeta,
e.c.f.
Muito obrigado,
o autor - Anderson B.
Horta
Aparecida - 1971

ANDERSON BRAGA HORTA nasceu em Carangola (MG), a 17 de novembro de 1934. Publicou muito na imprensa e participou em antologias antes de estreiar individualmente em livro, com *Atiplano e outros poemas* (1971), a que se seguiram *Marvário* (1976), *Incomunicação* (1977), *Exercícios de homem* (1978), *Cronoscópio* (1983), *O cordeiro e a nuvem* (1984) e *O pássaro no aquário* (1990). Tem pronto para o prelo, além de contos e ensaios, um livro de sonetos antigos, intitulado *Sonetos na corda de sol*.

SONETO DE ALEGRIA

À Célia

Para pintar o nosso amor, amiga,
prescindirei do instrumental moderno.
Que um quadro assim, de um tema assim, eterno,
fica melhor numa moldura antiga.

Vamos cantando juntos a cantiga
dos pássaros no céu. Que importa o inverno?
Fica tão longe... e é primavera. Terno
é o conchego do lar que nos abriga.

O amor é para nós um sol queimando,
um sol benigno, que, se cresta espinhos,
vai no teu ventre um fruto sazoadando.

Existe o inverno?... É primavera! E vamos
inventando ternura nos caminhos
e colhendo a alegria que há nos ramos.

UM PURO AMOR

Busque eu num puro amor força e sustento
com que tanta paixão manter nutrida,
para tão longa noite amanhecida
bem cedo ver em canto e luzimento.

Mas viva eu antes de uma esp'rança ardida,
e espere, e sonhe, e já não tenha alento:
que é do amor o primeiro mandamento
morrer de amor, por merecer-lhe a vida.

Enfim, Senhora, aos vossos pés curvado,
vencido e vencedor, possa eu dizer-vos
de meu sofrido amor o fado incerto:

o inferno que sofri por merecer-vos,
tão longe o coração amargurado
quanto o quisera ter aqui bem perto.

SONETO ANTIGO

Tanto, tanto de amor me eu tenho dado,
hei-me em tantas fogueiras consumido,
que fora de esperar no peito ardido
nada me houvera de ilusões sobrado.

Porém quanto mais sonhos hei nutrido
deste manancial inesgotado,
mais o tenho, no peito, avolumado:
que mais forte é amor, se dividido.

E se o destino tenho marinheiro,
volúvel me não chamem, ou perjuro:
que do amor sou apenas passageiro,

em porto inda o mais doce, não aturo,
e no mesmo travor do derradeiro
já prelibando estou o amor futuro.

ANTONIO CARLOS OSORIO nasceu em Quaraí (RS), a 14 de maio de 1927. Bacharel em Direito e em Filosofia. Membro da Academia Brasiliense de Letras, de que é Presidente. Fundador do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal, sendo seu primeiro Presidente. Publicou: *Brasília - Diálogo com o futuro* (ensaios, 1978), *Rebanho dos ventos* (poesia, 1979), *O desafio do branco* (poesia, 1982), *Arsenal da vigília* (poesia, 1986), *Topia e utopia* (ensaios e contos, 1991), *O silêncio, e suas raízes* (poesia, 1992, obra premiada pela Academia Brasileira de Letras, Prêmio Olavo Bilac), *Quase hai-kais* (poesia, 1992) e *Peço a palavra pela Ordem* (teses e discursos, 1992).

FATUM AMORIS

Eis-me diante de ti e não te vejo
E não me vês, neste cristal quebrado
De lágrimas e sangues misturados
Vertendo-se ao tempo e suas areias.

Desertos um do outro, nossas sedes
Em suplício recíproco se matam
E se afogam as falas em gargantas
Adagas mergulhando corpo adentro.

Seco já está o cálice de lágrimas
Nesta oferta aceita e recebida
Tal se rito de amor ou dom de vida.

Prossegue a liturgia cega e amarga.
Amar talvez é torturar-se assim?
Quem sabe a todo amor este o destino?

NAVEGAÇÃO III

Na noite busco estrela que me mostre
os erros das derrotas percorridas
e nela não encontro luz nem norte
pois que de há muito em mar estou perdido.

Errei minha geografia das estrelas
e erro sem leme, como nunca hei sido
perderam rumo as brancas caravelas
que me haviam a ilha prometido.

Consulto cartas, dobro meus compassos
busco na bússola e árduos astrolábios
e no rum dos marujos, voz de sábios.

Mas ai de mim, em céus perdi meus passos.
O campo das estrelas me é adverso
E em vez delas, e ilhas, acho versos.

SONETO DA AUSÊNCIA III

O que a memória havia sepultado
em sábia rejeição, nos seus arcanos
a ausência faz voltar, ressuscitados
a morta dor, o morto amor, os mortos anos.

As já esquecidas mágoas emergem
deste oceano de lágrimas revoltas
a sargaços se agarram, quase soltas
ao sal amargo dos infrenes ventos.

Em luta uns com os outros os sentidos
Sangue e memória em guerra com o silêncio.
E surge a tentação nesta golfada

de pranto que sufoca as coronárias:
melhor quem sabe o sofrimento antigo
do que este negror de tua ausência.

CÍCERO ACAIABA nasceu em Cambuquira (MG), a 9 de fevereiro de 1925. Romancista, contista e poeta. Formado em Direito. Exerceu também o jornalismo. Autor de cerca de 130 romances para a Rádio Nacional. Suas obras têm sido premiadas no Brasil e no exterior. Estreou em 1954, com *Versos de ontem e de hoje*. E só voltou a publicar nos anos 80: *Poemas escritos na névoa* (1982), *Sonetos de circunstância 1* (1986), *A última elegia e 30 noturnos de Minas* (1987), *Sonetos de circunstância 2* (1987), *Sonetos de circunstância 3* (1988), *Fronteira do reino* (1988), *Homem com a faca no peito* (contos, 1988) e *Diário lírico* (1992).

JÓIA

(Do livro inédito *O Silêncio da Pedra*)

Engasto no meu verso o teu olhar,
– turquesa verde-azul que me fascina;
da face, a palidez desse luar
assim que a tarde nos jardins reclina.

O teu sorriso puro de menina,
e o jeito fácil, plácido de andar,
que mais parece uma visão divina,
– quase não toca o chão, a flutuar.

Ponho teu corpo frágil no terceto,
tingindo, muito leve, meu soneto
rubro matiz de amor-sensualidade.

E tua alma é pedra de brilhante,
– a lágrima perfeita e, enfim, bastante
para compor a jóia da saudade.

Varginha, 29/1/93

ALGUÉM

(Do livro inédito *O Silêncio da Pedra*)

Alguém que me pertença, alguém que me ame,
inscrita sobre a palma desta mão
na linha do destino; alguém que eu chame
"querida, único amor, minha paixão".

Que me faça chorar como um perdão,
e que me faça rir, quando derrame
sobre mim os cabelos, na emoção
dos corpos que se enlaçam. E que exclame

no momento do gozo: "Estou morrendo!
Nunca fui tão feliz em toda a vida!"
Alguém que vinha sempre se escondendo

no ermo de minha alma. A que foi feita
só para mim, meu Deus. - E possuída
pela primeira vez, bela e perfeita.

Varginha, 15/2/92

A VOZ

Quando eu me for de vez, não se entristeça,
venha de novo ao banco do jardim:
baixe em silêncio a lânguida cabeça,
e deixe o coração pensar em mim.

Talvez, querida, às vezes aconteça
ouvir estranha voz, ficando assim.
Provavelmente não a reconheça,
porque de longe, muito longe eu vim.

Porém, se eu a chamar conforme chamo,
se repetir palavras de meiguice
que só você, de súbito, adivinha,

então compreenderá que ainda a amo
lembrando em sonho tudo que lhe disse,
e que essa voz só pode ser a minha.

ELSON FARIAS nasceu em Roseiral (AM), a 11 de junho de 1936. Reside em Manaus. Membro da Academia Amazonense de Letras. Tem poemas musicados por Guerra Peixe e outros compositores. Sua poesia está analisada em livros. Publicou: *Barro verde* (1961), *Estações da Várzea* (1963), *Três episódios do Rio* (1965), *Ciclo das águas* (1966), *Dez canções primitivas* (1968), *Um romanceiro da criação* (1969), *Do amor e da fábula* (1970), *Imagem* (1976), *Roteiro lírico de Manaus em 1900* (1977), *Made in Amazonas* (1978), *Palavra natural* (1980) e *Romanceiro* (1985 e 1990). Um dos fundadores da União Brasileira de Escritores, seção do Amazonas. Está sempre trabalhando sua poesia, mesmo os poemas já editados.

UM PÁSSARO NO AR

(Do livro *Palavra Natural*)

Pássaro no ar, olhos abertos, canta
alto, a canção que o tempo lhe ensinou
nas matas da manhã, alegre, quando
o coração reuniu as coisas todas

dispersadas na música das folhas,
no orvalho das estrelas e nas fímbrias
da garganta, nos galhos da ingazeira,
contidas, meditadas, no seu êxtase.

No céu aberto um canto canta o pássaro
e assim retimbra a acentuação da música
entre as penas almadadas de cor ruiva.

Jamais lágrima amarga que degrada
o ser participante, mas o pássaro
livre e cativo do seu canto sábio.

O POETA

(Do livro *Do Amor e da Fábula*)

Seremos para sempre lembrados
nas luas que hão de vir, nas noites lindas,
por simples que sejamos, acabados
os transe da conquista, por já findas

as dúvidas dos sonhos confessados,
faremos coisas belas, coisas vindas
dos traços desses móveis trabalhados
a golpes de antiquíssimos machados.

As lutas e os reveses destes dias
temperarão os planos de futuro,
as nossas mais queridas alegrias.

Ao fim o nosso olhar será mais puro,
seremos mais humanos, mais divinos,
e a todos cantaremos nossos hinos.

CHUVAS ESPERADAS

(Do livro *Palavra Natural*)

Para compor um canto, para tanto
realizar que não fosse um mero estado
de espírito, efêmero, agoniado,
me recompus à margem do meu pranto.

Para compor um canto desusado
que não servisse à festa, nem ao santo
momento de te amar, me fiz em canto
assim, sem cor, sonoro, mas calado.

Quero que quando toquem suas rendas
inúteis, não ousem ouvi-lo, nem
cantá-lo, vozes rudes ou talhadas

sob o arpejo de pianos e cirandas
dos machos e das fêmeas. Quero a nuvem
aberta com as chuvas esperadas.

EMIL DE CASTRO nasceu em Mangaratiba, cidade litorânea próxima do Rio de Janeiro, a 7 de janeiro de 1941. Advogado, lecionou Português e Literatura por vários anos, exerceu também atividades políticas em sua cidade natal, tendo sido vereador e ultimamente prefeito. Como escritor (poesia, conto, crítica literária, histórias infantis), colaborou em muitas publicações, tanto no Brasil como no exterior. Publicou *O relógio e o sono*, em 1969, *Habitação em campo urgente*, em 1974 (poemas), *Estórias do Vovô-Pajé e Luzalegre no País do Sonhazul* (estórias infantis). Participou de várias antologias, como *A novíssima poesia brasileira* (Cadernos Brasileiros, 1969), *Poetas novos do Brasil* (INL, 1969), *Una panorâmica de la nueva poesía brasileña* (Revista de Cultura Brasileña, nº 39, Madrid, 1975), *Poetas advogados* (OAB, RJ, 1988). Publicou recentemente *Aprendiz do nada* (Editora Cátedra, RJ). Teve em 1993 um livro de poemas inéditos premiado com o Prêmio Afonso Romano de Santana (Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro).

AINDA AMOR

À amante esposa

Feito de cristal se fosse ausente
meu amor se quebraria a todo instante,
mas ele é mais que pura partida
e construção de vôos e permanência.

Seria cristalina água sem retornança
que passasse sempre sob a mesma ponte
se refazendo em cada tique de espuma
do rio interior que flui dentro da gente.

E por ser amor puro movimento sem sentido
cego porque não vê a luminosa fonte de ser
mais que uma canção que ninguém cante

um poema de sussurrantes gemidos e silêncios
de ternas palavras tecido vagarosamente
na distribuição das estrelas dos seus olhos.

TÂNTALO

E de repente até que não faz mal
sua unha leve me arranhando o peito
desentranhando as cavernas penumbrosas
que há por dentro de minha solidão

como se a vida inteira fosse idas
que se perdessem na distante fuga.
Sem tréguas sua boca me parece mel
escorrendo-me nas reentrantes casas

em cujas camas já dormiram neusas
morenas solidões teresas noturnas
tangidas pela noite em sua orgia.

Até que são doces seus açoites insanos
desenhando os mapas intemporais de suas ilhas
que o mar interior de minha alma banha.

ROSA, ROSAURA

A Alphonsus de Guimaraens Filho

Rosaura vai pela estrada ampla
levando flores onde haja amor,
como se o mundo fosse plenitude
e mesmo a carne se fizesse flor.

Auroral de espumas nas folhagens
do campo resíduos de seus pés alados
rosaurando no fremir dos dentes
da mulher que de amor é vida e sonho.

Nas dobras do vestido tem um fogo
que Rosaura espalha pelo vento
incendiando bocas no caminho.

E quando o corpo deita no horizonte
passaral de vôos quebra a tarde
semeando mil rosauras nas auroras.

ENO TEODORO WANKE nasceu em Ponta Grossa (PR), a 23 de junho de 1929. Engenheiro civil aposentado. Poeta, pesquisador, biógrafo, ensaísta literário, historiador e teórico do trovismo. Estreou em 1953, com *Nas minhas horas* (poesia). Traduziu o *Rubaiyat*, de Omar Kháyyám. Publicou mais de quinhentos títulos. Alguns de sonetos, outros de minicontos. Uma de suas principais obras é o volumoso *A trova literária*. Sua vasta produção literária e sua rica biografia estão em *Eno Teodoro Wanke, sua vida e sua obra*, de Therezinha Radetic.

O LÚCIDO HORIZONTE

O lúcido horizonte era poema
enquanto nos tingíamos de amor
estando nos jardins da praia, por
aquelas tardes de amplidão suprema...

Exaustos da jornada, o simples tema
da nossa adoração era o sol-pôr.
Cabeça em teu regaço de alfazema
perdia-me em lirismo e esplendor!

O oceano era vermelho, e as gaivotas
pairavam, muito brancas e remotas.
Sumiam-se contornos, sombras, tons...

Subia a trepadeira das estrelas...
E eis que a cidade, só de inveja, ao vê-las,
criava uma avenida de neons!

NO PARQUE

No parque, os namorados dão o tom
às árvores circunjacentes e às
murmurações da tarde, pela paz
dominical, naquele canto bom...

As flores olham sorridentes, com
ternura. O sol pintalga o chão e traz
cintilações ao lago verde. Mas
os namorados perdem-se em ronrom...

No trêmulo das folhas, há um suspiro
de adoração ao vento. Pelos céus
as nuvens sonham, em seu lento giro...

E os namorados reinam, porque nada,
nem mesmo a Natureza, empana em véus
a luz da mocidade apaixonada!

QUE O MEU AMOR

Que o meu amor contenha a luz marmórea,
a carne etérea feita de infinito,
que a minha voz se alteie em canto e grito
de versos proclamando a nossa história...

Que sejam meus sonetos luz e glória,
escândalo dos vendilhões do mito,
mostrando ao mundo bárbaro que habito
a derradeira essência da vitória!

Que brade no poema o testemunho
da fúria com que, resoluto, empunho
a minha inspiração ardente e plena,

a fim de levantar-te um monumento
que fixe para sempre o meu intento
de criação onírica e serena!

Meu querido Nilda,
Deus ou os Deuses
te conservem
generoso e
sobre!
Um abraço,

Fernando

FERNANDO MENDES VIANNA nasceu no Rio de Janeiro a 2 de fevereiro de 1933. Reside em Brasília. Poeta, ensaísta, tradutor. Tem os seguintes livros publicados: *Marinheiro no tempo e Construção no caos* (1958), *A chave e a pedra* (1960), *Proclamação do barro* (1964), *Poemas do Antigo Egito* (traduções, 1965), *Salmo para órgão e orquestra* (1969), *O Silfo-Hipogrifo* (1972), *Embarcado em seco* (1978), *Poesia viva* (1969) e *Marinheiro no tempo* (antologia, 1956/86).

SONETO DA PERFEIÇÃO

Tudo está perfeito quando a carne
espuma com gáudio e se espalma,
espraiando-se no litoral do espasmo!
Tudo está perfeito quando há pasmo

e o punho da ira se abre em palma,
e o pulso estua de entusiasmo.
Tudo está perfeito quando a alma
é o sócia de um corpo sem alarme

e a vida é semente do sim, carne m)
de um sêmen que sai do coração,
vôo de vão de ponte sobre o não.

O corpo é livre! Nem a morte é gendarme:
no poema continuarei a encarnar-me.
Tudo está perfeito quando tudo é carne.

SONETO-ODE DA NOITE RESGATADA

Que me importa a noite que suporto,
o grande feixe que carrego às costas,
que me importa esse peso de silêncio e sombra,
se teu alvo corpo, amada, me ilumina!

Que me importa a morte e sua fronteira,
se cada dia se recria em mim tua beleza!
Que me importa a espada sobre mim suspensa
como um pêndulo perpétuo,

se no espasmo triunfamos do tempo!
Minha mão não caminha vazia para a morte:
minha mão enlaça a tua e prosseguimos,

cantando na deserta noite o nosso amor.
Noite, já não és minha inimiga dura:
dança no escuro uma alta chama clara.

SONETO EXTRAVASADO

Só depois, sempre depois, é que entendemos
o que dizíamos mar, e era um estreito.
Confundimos amar com amor-perfeito,
seja cio, solidão ou poesia.

Ai, o amor não é uma flor! Mas dizemos.
Ai, amar, quando o especula a fantasia
– seja fome, embora. Ai, esse preto!
mirabolante elixir em nosso peito!

Amor: amar o amor mais que o sujeito
real do ser amado, o ser concreto,
e não a idéia projetada no objeto.

Ai, não notar – só após – o quanto é fria
a rubra mágica, borra de alegria,
absurdo mar a fluir dentro de um leito.

FERNANDO PY (Fernando Antônio Py de Mello e Silva) nasceu no Rio de Janeiro, a 13 de junho de 1935. Formou-se em Direito. Redator, tradutor e revisor de verbetes para diversas enciclopédias. Publicou *Aurora de vidro* (1962), *A construção e a crise* (1969), *Vozes do corpo* (1981) e *Dezoito sextinas para mulheres de outrora* (1981), todos de poesia, e mais *Bibliografia comentada de Carlos Drummond de Andrade, 1918-1930* (pesquisa, 1980) e *Chão da crítica* (jornalismo literário, 1984). Tem poemas em antologias do Brasil e de Portugal. Traduziu Marcel Proust, Saul Bellow, Marguerite Duras, Isaac Asimov e outros. Diversos prefácios e apresentações de livros. Organizou edições das *Poesias completas* de Joaquim Cardozo, de *Luz mediterrânea* de Raul de Leoni e *Auto-retrato & outras crônicas* de Drummond.

ERA UM CLARÃO ESQUIVO...

A Luiza Helena Gama dos Reis

Era um clarão esquivo atrás dos montes,
era o anúncio da aurora ainda não vista,
o quase escuro albor, a luz prevista
no íntimo da noite e em suas fontes.

Era o esplendor pensado, o sol futuro.
A ciência e a paz dando-se as mãos
no dia imaginado e na amplitude
dos abraços esparsos na manhã.

Era o fervor e as rútilas pupilas
brilhando, era a alegria antecipada
do dia e seus pacotes de bonança.

Na escuridão que aos poucos se esvaía,
era a certeza enfim da luz bem clara
que inundaria o céu. Era a esperança.

TANGO

Um tango me persegue desde a infância
no canto, no piano, na memória
e se me impõe à voz, timbrando vário
ao prolongar em mim a sua essência
nos dedos de meu pai sobre o teclado.
Não somente: transporta desde longo
tempo a escrita do pai, letra de tango
no papel sempre então visto e relido.
Um tango me persegue: sua marca
é o realejo crepuscular que sinto
na imaginação rodando lento
e quanto mais passado mais se acerca.

E letra e pai e som, tudo afinal
gira ao compasso do tango fatal.

DESCANTE

A Paulo Bomfim

Que canto se descanta em minha sílaba,
fonema interrompido, mote gago
que em torno a mim adeja qual afago
de abelhas cujo mel já se preliba
em nuvem namorada do meu sonho
que vivo e distribuo aos meus clientes
de amor e de aventura tão carentes
como a sonata virgem que componho
no mais ermo e longínquo da floresta
de metal de cimento e gás grisú
e retorna a meu canto como tu,
palavra sem sentido que me resta
e me explora e me abafa e me emudece
e afinal é o soneto que me tece.

FOED CASTRO CHAMMA nasceu em Irati (PR), a 28 de março de 1927. Publicou seu primeiro livro em 1952: *Melodias de estio*. Seguiram-se *Iniciação ao sonho* (1955), *O poder da palavra* (1957-1959) no Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, *O destino da poesia em seu aspecto regional e/ou mágico* (1972), *Pedra de transmutação* (1984), *Sons de ferraria* (1989). Ganhador de vários prêmios, como o Olavo Bilac, da Prefeitura do Distrito Federal; o Jorge de Lima, da Universidade Federal de Alagoas; o Nestlé de Literatura Brasileira e outros. Traduziu obras como *O livro dos demônios*, manuscrito medieval de Sinistrari de Ameno; *A feiticeira*, de Michelet; *O livro dos mortos*; *Les machinations de la nuit*, de Raymond de Becker; *Au delà du structuralisme*, de Henri Lefebvre, todos do francês, além de *Healing with mind power*, de Richard Shames e Chuck Sterin, do inglês, e outros.

ALEGORIAS DE ABRIL

I

Reencontro no riso que em seu rosto
brilha o arco de luz de abril que em pétalas
de rosa o orvalho deita, à noite molha
com tépida carícia o meu leito,
pois sinto ao despertar, de manhã cedo,
ao rever sua imagem que me lembra
uma Deusa em seu porte, a ambrosia
dos cabelos a perfumar o antigo
sonho amoroso, sinto o odor, o hálito
que se desprende deste meu anseio
de amar, e recoloco então em meio
à dor a mão no seio, sinto o efeito
de vê-la ao despedir-nos, sinto o mar
de amor quebrar-se em pedras no meu peito.

II

Ouço no campo a voz que do meu íntimo
renasce com a vibração alegre
de um signo a acompanhar seu nome
em mim, a desenhar não de Teócrito
os anos, mas o vôo mais gentil
do sonho no jardim. A borboleta
azul trazendo a transparência clara
da luz que nos anima como os pássaros
que brincam no ar formando belos círculos
lembra a canção a descrever o inquieto
jogo do pensamento que a lonjura
transforma em elegia, mas ressurge
a imagem que celebro nestes sons
e um sorriso devolve-me a alegria.

III

Que busco nestas terras onde a origem
me lembra lá no alto os sinais
da freira e o Demônio a perseguir-nos
na carteira, debaixo da janela?
busco meus ares de Menino, busco
o medo a afligir-me, a impressão
de modelar a antiga fantasia
da imagem que descubro com a luz
que desmaia, retenho nos meus braços
e me foge como me foge o riso
que escuto com seu jeito sempre alegre
de ave a sobrevoar ao meu redor
tal uma fita que me prende ao gosto
de acompanhá-la e se desata no ar.

FRANCISCO CARVALHO nasceu no município de Russas, Estado do Ceará, onde fez os primeiros estudos e de onde se transferiu definitivamente para Fortaleza, no ano de 1946. Suas primeiras produções poéticas foram publicadas nos jornais *O Povo*, *Unitário* e *O Nordeste*. Suas primeiras experiências modernistas, absolutamente malogradas, constam do livro *Cristal da memória*, pessimamente editado em 1955. De lá para cá, publicou dezesseis livros de poemas e um volume de pequenos estudos impressionistas sobre autores do Ceará. Tem procurado, ao longo da vida, resolver os seus conflitos de ordem interior através da poesia.

SERENATA MEDIEVAL

I

O som da fonte, o canto da roldana
a brisa que nos campos devaneia:
tudo se cala, tudo se engalana
para vê-la passar rumo da aldeia.

Felizes os que a vêem toda a semana
regar a messe e os passos que semeia.
Se os vestidos lhe roça mão profana,
arde-lhe a fronte e seu olhar se alteia.

Mais sutil do que os raios da neblina
e o roçar dos cabelos na vidraça
misturados à estrela matutina.

Assim é minha amada quando passa
a caminho da fonte, onde se inclina,
corpo de luz tocado pela graça.

II

O andar da minha amada se compara
ao marulhar da onda vespertina.
Quando ela passa, a estrada se enluara
e a noite insone desce da colina.

Quando a porta do abismo se escancara,
o seu andar governa a minha sina
com o rigor do tempo, que não pára,
e a pulsação da luz, que não termina.

Na terra em que ela pisa brotam veios
do mais puro cristal, palpitam seios
tocados pelos dedos das raízes.

O andar da minha amada crava o espinho
do amor no coração: parece o vinho
que os deuses bebem quando estão felizes.

III

Te vi passar, cantando, pela estrada
onde pastavam crespos cordeirinhos.
Tive a impressão de seres uma fada
dessas que escrevem lendas nos caminhos.

Toda envolvida nos mais alvos linhos,
a fímbria dos vestidos orvalhada
roçava por minha alma, igual aos vinhos
feitos de espera e vide sazoadada.

Andas no abismo sem deixar sinal.
O teu olhar é a porta de cristal
por onde chegam as legiões da aurora.

Desde quando te vi (ah, se me visses)
tecendo o amor qual túnica de Ulisses,
sou como a nau que docemente ancora.

FRANCISCO MIGUEL DE MOURA nasceu no interior de Picos (PI), a 16 de junho de 1933. Aposentado do Banco do Brasil. Formado em Letras, com pós-graduação. Membro da Academia Piauiense de Letras e da União Brasileira de Escritores. Publicou *Areias* (1966), *Pedra em sobressalto* (1974), *Universo das águas* (1979), *Bar Carnaúba* (1983), *Quinteto em mi(m)* (1986), *Sonetos da paixão* (1988) e *Poemas Ou/tonais* (1991), todos de poesia. Tem os romances *Os estigmas* (1984) e *Laços de poder* (1991). Um livro de contos: *Eu e meu amigo Charles Brown* (1986). Crítica literária: *Linguagem e comunicação em O. G. Rêgo de Carvalho* (1972) e *A poesia social de Castro Alves* (1979). Ganhador de vários prêmios. Participou de antologias. Autor de *Piauí: terra, história e literatura*, antologia crítica de contos piauienses.

SENSUAL ALICE

Foi na queda da minha meninice,
desaguando na minha juventude,
que me veio à cabeça esta virtude
de te gravar no coração, Alice.

Tu brincavas na areia, ondas salgadas
vinham quebrar-se nos teus pés, sem pejo.
Aproveitar meu prematuro ensejo
seria um céu. Perdi tuas pegadas.

Sonho as curvas da praia, as curvas tuas,
como o seio nascente que guardavas...
de tanta coisa, desejei só duas...

Na noite, as mãos levíssimas de sondas...
e entre séria e risonha te afastavas,
levada docemente pelas ondas.

ANDARILHA

Por longes terras, por países neutros,
soube que andavas procurando abraços,
desejos doidos porque tão antigos.
Como tão perto estavas dos meus passos!

Se tu me ouvisses, se me procurasses
tão te esperando lá, na mesma rua,
na mesma noite, sem subir a escada:
– esta alma antiga procurando a tua!

Voltaste a mesma? Não? Pelas estradas,
as almas tontas, tristes, torturadas
não vão deixar os sofrimentos seus.

Oh! Meu proveito é que te encontro agora!
E antes que partas novamente, é hora
feliz? inútil? de dizer-te: Adeus!

A INTEIRA VOZ

Ser bela e jovem pela vida fora,
desejo ardente, tanto acalentaste,
não percebendo as horas do contraste.
Não se pode florar o que não flora.

Mas sei quem foste, sei quem és agora.
Verás, com pouco, a foto que guardaste
descorando qual flor que caiu d'haste.
És teu pai de ontem, tua mãe... Demora...

Como marcaste um corpo de aventuras,
verás no que inda sou tuas ternuras,
teu futuro verás no que hei de ser.

Tudo por si se acaba, não tem jeito,
mas tua voz calada no meu peito
há de durar comigo até morrer.

Francisco HARDI FILHO nasceu a 5 de julho de 1934, em Fortaleza (CE). Filho de Francisco Hardi e Maria de Lourdes Hardi. Autodidata. 38 anos de Piauí. Aposentado do IBAMA. Fez rádio e jornalismo. Colabora em verso e prosa na imprensa e publicações do Piauí e de outros Estados. Membro fundador do Círculo Literário Piauiense e da União Brasileira de Escritores do Piauí. Delegado do Piauí junto à Société des Poètes et Écrivains Regionalistes, Nîmes, França. Diploma Lucídio Freitas, da APL, e Troféu Fontes Ibiapina, da UBE-PI. Membro efetivo da Academia Piauiense de Letras. Obras publicadas: *Cinzas e orvalhos* (1964), *Gruta iluminada* (1970), *De desencanto e de amor* (1983), *Teoria do simples* (1986), *Cantovia* (1986), *Poesia e dor no simbolismo de Celso Pinheiro* (1987), *Suicídio do tempo* (1991).

A UMA MULHER BONITA

– Mulher, desejas um amor ideal?
Uma paixão intensa e verdadeira
que não seja de simples companheira
amiga que partilha o bem e o mal?

Queres, linda mulher – moça faceira,
de colo branco e porte sensual –
queres viver um caso especial?
Desses que duram pela vida inteira?!

Almejas um amor mais que profundo?
Sonhas-te, acaso, loucamente amada
como não foi outra mulher no mundo?

Entende-me! Provoca, experimenta
uma aventura doida, desregrada:
tenta o meu corpo e a minha alma, tenta!

A UM AMANTE POSSESSIVO

Ao poeta Francisco Carvalho

Em belos versos e expressões felizes
confessas que tens gana de matar
a quem amar a tua amada; dizes
dela desnuda, em cio, a te excitar;

falas da unção de corpos em deslizés;
dos arrepios da carne a queimar
em chamas de carinho; e de outras crises.
Dizes, enfim, dos êxtases de amar.

Queres talvez, poeta, com teus gritos,
que os demais pretendentes se amedrontem
e sem lutar esqueçam seus direitos?

Ela tem ventre e seios infinitos!
– Olha, eu estive com ela ainda ontem
na cama onde estes versos foram feitos!

O NOIVADO

Eu que vivia, de manhã à noite
namorado de estrelas deslumbrantes,
sem pouso ou travesseiro para a sesta
do coração, sempre inquieto e insone;

eu que gastava precioso tempo
freqüentando palácios encantados
onde o mármore, as sedas, reluziam
sob um luar de lâmpadas irreais;

eu que cheguei a enlouquecer no luxo
desses amores, todos terminados
nas mais incríveis alucinações;

eu por fim encontrei serenidade:
noivei com musa humílima, e agora
construo uma varanda para as tardes.

JOANYR DE OLIVEIRA nasceu em Aimorés (MG), onde aos doze anos escreveu os primeiros versos. Transferiu-se do Rio para Brasília em 1960, como Revisor do DIN. Logo depois, também por concurso, ingressou na Câmara dos Deputados. cursou Direito e Teologia. Jornalista profissional: redator, colunista literário etc. Vários prêmios: "Grande Poeta de Brasília" (1961), "Troféu Casimiro de Abreu" (Rio, 1968/69), "Fernando Chinaglia" (Rio, 1969/70), "Secretaria da Educação e Cultura" (1º lugar, Brasília, 1975), "Pablo Neruda", promoção da Embaixada do Chile (1º lugar, Brasília, 1991), "Concurso Nacional IPI" (1º lugar, Porto Alegre, 1992) etc. Organizou o primeiro livro editado no DF: *Poetas de Brasília* (1962) e outras coletâneas de contos e de poesia. Autor de *Cantares*, *O grito submerso*, *Casulos do silêncio*, *Soberanas mitologias* e *A cidade do medo*, *Luta a(r)mada* (poesia) etc. Participa de duas dezenas de antologias no Brasil e no exterior (EUA, Canadá, Itália e Índia). Está atualmente em East Hartford (CT), EUA, depois de ter morado em Boston e em cidades da Califórnia.

SÃO RESQUÍCIOS DE LUAS...

São resquícios de luas medievais
submergidos nos ângulos das horas...
É onde esquiva e a te evolar te ancoras
na tecelagem destas minhas trevas.

Nas alturas flutuas e me ditas
as sentenças urdidas pela sorte
capaz de refulgir, mesclando a morte
às venturas mais claras e inauditas.

Nesta noite soturna e antiga em que
meu rosto langue atônito se vê
nos espinhos secretos de uma flor,

espero um plenilúnio em tua voz,
que venha transluzir-te – a ti e a nós –
nos sortilégios deste estranho amor.

Boston, 20/5/93

REENCONTRO

Num paraíso, em límpido silêncio,
o nosso olhar se encontrará de novo.
Nas luzes de teu rosto claro e tênue
voltará sobranceiro o antigo amor.

Não vencias outrora os céus e o mundo,
anulando temor e circunstâncias?
Nós volveremos ao que fomos: um
indivisível ser, uma canção...

Luminares e sons inenarráveis
somar-se-ão no mesmo rumo eterno
que diremos ser nosso itinerário.

E tudo brilhará num beijo leve,
arquejante... No amor, a perdurar
na imensidão dos séculos dos séculos...

*East Hartford (CT), USA
junho de 1992*

SAUDADE

Os escombros da vida, sob o peito,
são as marcas ocultas que deixaste.
E o peso que me pesa – e que rejeito –
sorrateiro se adensa, e como um traste

segue os passos nos dias e nos sonos
em que desarvorado gesticulo.
São as teias de cal dos abandonos
contra o tempo do amor, e de que pulo

ao vazio sem beijo e amenidade
onde os gestos se abriam como flor
tecendo as melodias da cidade.

O gelo destas horas sabe a dor
no mel das memórias, da saudade,
numa dose crescente de amargor.

Para o escrito
- amigo Nélso
de letras - com parabenos
Literatura", com o sincera
a felicitações pela feliz
organização desta antologia.
João Carlos Taveira
18-10-94

JOÃO CARLOS TAVEIRA, mineiro de Caratinga, nascido a 17 de setembro de 1947, é poeta e crítico literário, em Brasília desde 1969. Pertence à Associação Nacional de Escritores e à Academia de Letras do Brasil. Tem os seguintes livros de poesia: *O prisioneiro* (1984), *Na concha das palavras azuis* (1987), *Canto só* (1989), *Aceitação do branco* (1991) e *A flauta em construção* (1993). A sair: *Escritores brasileiros - Entrevistas* (em parceria com Almeida Fischer). Colabora em diversas publicações, entre outras, *Presencias* (Argentina), *Livrespaço* (SP), *Lavra* (DF), *Travessia - Revista de Literatura da UFSC* (SC), *Revista de Poesia e Crítica* (SP) e *Revista da Academia Brasileira de Letras* (DF). Integra o *Dicionário de Poetas Contemporâneos*, 1991 (org. Francisco Igreja), e a *Antologia da Nova Poesia Brasileira*, 1992 (org. Olga Savary).

SONETO XLI

A Solimar de Oliveira

Canto porque não sei morrer de amor
nem inventar palavra mortuária
que possa desfazer e recompor
a minha vida ilimitada e vária.

Canto também por simples desamor
à morte fabricada, à solitária
paz que submete um homem à sua dor
quando a reduz à mão totalitária.

Viver fora do mar – um peixe ocluso
já é por si a sina que conduz
por ter em mim mil homens infelizes.

Mas canto antes de tudo pelo vício
de amar esse terrível exercício
de solidão que em mim criou raízes.

SONETO DE ARREPENDIMENTO

Perdão, amada, pelo meu canto,
pelo que canto, pelo que faço,
pelo que sinto no desencanto,
pela metade que sou no espaço.

Perdão, amada, pelo embaraço,
pelo cansaço, pelo meu pranto,
pela saudade do teu abraço,
pelo que vivo sonhando tanto;

pela tristeza na desventura,
pela amargura do amor desfeito,
pelo que vive, pelo que dura,

pelo que mata dentro do peito.
Perdão, ainda, pela ternura,
pelo perdão que do amor foi feito.

SONETO DE ASPIRAÇÃO

Quero prender-te, amada, no meu verso,
que teço no silêncio e na neblina,
onde sejas, do centro do universo,
a métrica resvés e cristalina.

Mas antes, neste sonho, me alicerço
no ritmo desenhado na retina,
para que possas, feita bailarina,
tecer no meu olhar um riso terso.

Quero prender-me a ti e, nesse laço,
poder gravar em nós, em tom fugace,
a música e a palavra num só traço.

Depois, rompendo a teia do disfarce,
que existe entre teu corpo e meu abraço,
hei de tecer na luz a tua face.

JOSÉ ALCIDES PINTO nasceu em São Francisco do Estreito, distrito de Santana do Acaraú (CE), a 23 de dezembro de 1923. Romancista, contista, poeta, ensaísta, crítico literário. Jornalista e professor. Estreou em 1940, com *O canto da liberdade* (poemas). De sua vasta e premiada obra destacam-se: *Noções de poesia e arte* (1952), *Pequeno caderno de palavras* (1953), *Ilha dos Patrupachas* (1960), *Concreto: estrutura visual-gráfica* (1965), *Cantos de Lúcifer: poemas reunidos* (1966), *20 sonetos do amor romântico* (1982), todos de poesia, e mais os romances *O dragão* (1964), *O enigma* (1974), *O sonho* (1974) e *Os verdes abutres da colina* (1974), a novela *O criador de demônios* (1967) e os volumes de contos *Editor de insônia* (1965) e *Reflexões* (1984).

SAMARITANA

Dá-me a água da fonte e os pés descalços.
Dá-me teus ombros nus, mostra os artelhos.
Teu vulto solitário, os braços tê-los
entre meus braços juntos e amarrados

quero-os. É meu desejo. E ansioso vê-los
entre teus seios túrgidos cruzados.
E para além desse mundo, ignorados,
entrelaçados corpos e cabelos.

Enfim, tu és mulher, Samaritana,
e eu, um poeta, beduíno e louco
andarilho à procura de quem ama

com o amor mais ardente e os mais fatais
destinos, dos que vivem muito pouco
e ainda pouco vivendo, sofrem mais.

O SONETO MAIS ROMÂNTICO

Ando tão triste, assim, tão absorto.
O Sol doura distante os coqueirais:
são tristes e vazias como um Horto
as horas que se arrastam entre meus ais.

Eu solitário em mim, que desconforto!
Contemplo o Pôr-do-Sol, e nunca mais
hei de ficar assim, tão só, tão morto,
nunca mais, nunca mais, ó nunca mais!

Tua ausência é a mais triste das tristezas,
a mais cruel vingança incompreendida,
o fantasma que vive as incertezas.

O fel amargo, a ilusão perdida,
o tesouro roubado, a glória incerta,
a sonhada ventura destruída!

TEU CORPO

Teu corpo como o vento acaricia
meu corpo, que entre vagas se entenece
ao teu olhar, que o coração reveste
de esperança, de encanto, de alegria.

Nessa doce ilusão, o amor recria
nas nossas almas um rumor de prece
qua vai crescendo mais a cada dia
como a planta que o sol afaga e aquece.

Se jogas o cabelo em desalinho
eu julgo ver um pássaro assustado
procurando em redor fazer o ninho.

É certo que este ninho está nos laços
do vôo em que te prendo nos meus braços
aventureiro e louco passarinho.

JOSÉ GERALDO nasceu em Niterói (RJ), em 1924. Aposentado do Banco do Brasil, vive em Brasília, desde 1961. Formado em Letras. Pós-graduado na área de Moderna Literatura Brasileira. Estreou em 1975, com *De braços abertos*, coroa de sonetos. Tem onze livros de poesia publicados, além de contos, crônicas e artigos em jornais e revistas. Alguns livros inéditos, na área da crítica literária. Membro de academias e outras entidades, como a Associação Nacional de Escritores.

INCERTEZA

Rugindo intermináveis ameaças,
Acenando com horas muito amenas,
Rege o Destino as ilusões terrenas,
Semeando doçuras e desgraças.

Eu caminho entre dores muito escassas
E alegrias que conto por centenas;
Onde hão de me levar as raras penas?
Onde hão de me levar as muitas graças?

Co'os olhos postos na celeste Altura,
Recebi o batismo da Ventura
E a bênção que sustenta a minha Fé.

E guiado por minha Fantasia,
Eu sigo nos meus passos, dia a dia,
Para um destino que não sei qual é.

Brasília, 18/5/85

À TUA ESPERA

Espero-te pensando: "Ela não tarda!

Prometeu-me: há de vir..."

Guilherme de Almeida

Eu fico à tua espera. Impaciente,
Conto os segundos. Penso: "há uma hora
Estou aqui! Como ela se demora..."
E miro, ao longe, a luz do Sol poente.

O relógio meus cálculos desmente:
São dez minutos só. Mas não melhora
A inquietação que sinto. E penso agora:
"Talvez seja um atraso, simplesmente..."

Como o tempo se arrasta. Agora, é certo:
Faz uma hora. Envolve-me um deserto...
E tu não chegas...mas o que houve, enfim?

Decido-me a partir. Vou-me, pensando...
E as minhas incertezas vêm, em bando,
Sugerir que não pensas mais em mim...

Brasília, 5/11/87

ÚNICA IMAGEM

Eu hoje dei por mim pensando em ti...
Pensando em ti despreocupadamente,
Co'o pensamento vago, reverente,
Que pela vida vai, pleno de si...

Pensando em ti... Quando isso eu percebi,
Percebi que só tenho hoje presente
Tua imagem, quem enfim é permanente
Nesse plano em que vivo e em que vivi...

Nesse plano de que não faço ausente
A glória de encontrar constantemente
Tua lembrança que jamais perdi...

Nesse plano em que, alegre, descobri
Que sem querer, despreocupadamente,
Eu hoje dei por mim pensando em ti...

Brasília, 15/11/87

JOSÉ HÉLDER DE SOUZA nasceu a 22 de fevereiro de 1931. Estreou em 1959 com *A musa e o homem*. Em 1960 transferiu-se para Brasília, para se dedicar ao jornalismo. Participou de *A novíssima poesia brasileira*, coletânea organizada por Walmir Ayala, em 1962. A seguir vieram os livros *A grandeza das coisas* (1978), *Sonetos de São Luiz* (1981), *Coisas & bichos* (contos e crônicas, 1977), *Os homens do Pedregal* (artigos, 1979), *De mim e das musas* (artigos sobre temas literários, 1982), *Cabo Plutarco, o berro d'água* (1982), *Crônica sangrenta de um amor baldado* (1985), *Relvas do planalto* (1990) e *Rio dos ventos* (1992). Participou ainda das coletâneas *Brasília na poesia brasileira*, organizada por Joanyr de Oliveira (1982), e *Nem madeira nem ferro podem fazer cativo quem na aventura vive*, organizada por José Santiago Naud.

SONETO DE DESPEDIDA

Morto serei na hora em que já houver
nascido a rosa clara da alvorada.

E, neste tempo, a roupa que eu vestir
será solene como a cor da noite.

Tu, então, ó minha amada branca,
sê alegre como o foras dantes
pois este fato não merece luto,
posto que muito triste e vaga foi

a vida do poeta que amaste.

Morto só restarão de mim meus versos
que valem só porque contêm teu nome.

E basta então que em memória minha
a rosa clara da alvorada colhas
e com ela faças meu epitáfio triste.

FAUSTO

Tremeluzindo, sobre o rio, minhas
estrelas, Alba, me comovem e recordam
a casa velha do morgado, onde,
por entre móveis devastados, vestígios

ralos de opulência antiga e vã
tardio e denso amor vivi nos olhos
ansiados de tua vida vitalina:
reencontrados passos procurando

– incestuosos – , na paixão veraz,
reviver a família decadente,
esperança falha – carne estéril –

de frustrados seres corroídos pelo
tempo – ai! disto restou só
meu desespero e a tua solidão.

ANTERO

Ana, irás sentir nesta tarde agônica
o pulsar fremente de um coração
dedicado a ti. Embora velho vibra
e freme na ânsia louca de te ver

desnuda, branca e pura. Finda a tarde,
esvanecido o sôfrego ardor
do desejo, o pecado cometido
na intemporalidade do minuto,

do abandono e lassidão dos corpos
luzirão fruto e messe ao sol morrente,
na tardia ilusão de nos manter

ainda vivos. Ralo empenho de quem,
faz muito, a sombra e os passos já perdeu
na voracidade impiedosa do tempo.

Ao beta e amigo Nilton, com
 parabéns pelo êxito deste trabalho,
 feito principalmente de seu bri-
 llante talento de organizador,
 com o abraço e o agradecimento
 deste "aprendiz de poesia"

—
 Brasília, 18.X.94

JOSÉ JERONYMO (Ribeiro) RIVERA nasceu na cida-
 de do Rio de Janeiro, a 12 de junho de 1933. Estudante em
 Leopoldina (MG), desde 1950, três anos depois dirigia na-
 quella cidade o jornal *Três de Junho*, órgão dos alunos do Colé-
 gio Leopoldinense, do qual foi editorialista e um dos principais
 colaboradores, em prosa e em verso, nos seus sete números.
 Data dessa época sua produção poética, consistente majoritaria-
 mente de sonetos. Engenheiro, economista, professor universi-
 tário e administrador, é funcionário aposentado da Fazenda.
 Reside em Brasília desde 1961.

REFÚGIO

Chegava a primavera. A natureza ardente
se expandia a sorrir, em festa e resplendor.
No firmamento azul, na Terra aurifulgente,
tudo era encanto e luz, tudo era paz e amor!

O sol doirava o espaço, a crepitar fremente.
e apoteose de vida, e de beleza e cor,
em cada ramo agreste um pássaro dolente
cantava – e em cada arbusto abria-se uma flor!

E eu vinha triste e só... cego a toda a beleza,
a aurora para mim era uma noite escura,
e a primavera um frio e tenebroso inverno...

Foi quando eu te encontrei... logo, a minha tristeza
desvaneceu-se no ar, e em ondas de ternura,
minha alma se afogou neste amor suave e terno!...

DEPOIS...

Depois... não lembrarás o meu carinho.
Hás de esquecer, talvez, quem te quis tanto.
Nem sentirás este cravar de espinho
da saudade que punge mais que o pranto...

E à noite, enquanto os pássaros no ninho
gozarem da beleza deste manto
de luz que cobre a terra como um linho
de alvor imaculado e doce encanto,

sozinha no teu quarto ermo e tristonho
hás de entrever, oculto no passado,
o nosso amor, que não passou de um sonho,

ilusão, fantasia tão-somente,
destroços de brinquedo abandonado
no fundo de tua alma indiferente...

ENCANTAMENTO

Teus olhos são dois sóis que a vida me iluminam
com seu puro clarão de irisado fanal.
Quando olhas para mim, teus olhos me dominam,
tornam-me escravo teu, e adoro-te, afinal!

Teus sorrisos de fada aos olhos se combinam
em quadro de beleza e graça angelical.
Conduzem-me a ilusão a fontes de onde minam
suaves cintilações, numa etérea espiral.

Teus cabelos têm luz, têm encanto e magia,
e um doce não-sei-quê de sonho ou fantasia
embriagante e sutil como as ondas do mar...

Enfim, tudo que é teu me enleva e me extasia:
teus olhos, teu sorriso, a tua tez macia,
tudo, tudo que adoro e que hei de sempre amar!

LINHARES FILHO nasceu em Lavras da Mangabeira (CE), a 28 de fevereiro de 1939. Professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Ceará. Doutor em Letras. Membro da Academia Cearense de Letras. Editor da *Revista de Letras*, órgão do Curso de Letras da UFC. Publicou *Sumos do tempo* (1968), *Sinantologia* (1968), em colaboração, *Voz das coisas* (1979), *Frutos da noite de trégua* (1983), *Tempo de colheita* (1987) e *Andanças e marinhagens* (1993), todos de poesia, e os ensaios *A metáfora do mar em Dom Casmurro* (1978), *Dois discursos acadêmicos* (1980), em colaboração com Moreira Campos, *Alguns contos de Moreira Campos* (1981), estudo introdutório a *10 Contos escolhidos*, de Moreira Campos, *A "outra coisa" na poesia de Fernando Pessoa* (1982) e *Ironia, humor e latência nas Memórias Póstumas* (1992).

VERÃO DE AUSÊNCIA

(Do livro *Andanças e Marinagens*)

Porque te espero, as horas passam lentas,
enquanto a vida, fora, é toda pressa.
Trago no peito a face tua impressa,
mas só com a voz meus sonhos acalenta.

Nossa carne e nossa alma estão sedentas
e sedento é o ambiente, que se expressa
pelo calor, realçando-se a promessa
de que virás. Só tu o amor reinventas!

Sentem-se arder meus nervos em desdita,
de mim fazendo uma ave sem trinado,
um ser adverso a todos os assuntos.

A solidão, que em seu silêncio grita,
inculca-nos um forte aprendizado:
que amemos mais, quando estivermos juntos.

CANÇÃO DE MAR E TERRA

(Do livro *Tempo de Colheita*)

Terra de sementeira em pleno outono,
trazes os mesmos ímpetos do estio!
Teu olhar pede êxtases, e abono
que celebremos juntos nosso cio.

Ao teu corpo incansável me abandono,
em tua alma envolvente me confio.
Sei preparar a glória do teu sono
com a libação do corpo em replantio.

Mas és o mar, além de gleba e dunas,
por isso as ondas te navego ainda:
com mão de brisa minha vela enfunas.

Meu amor, ante os seios teus de espreita,
de antigamente vem e vai na linda
viagem, que é plantio e que é colheita.

DOAÇÃO DOS CORPOS

(Do livro *Frutos da Noite de Tréguas*)

Nas tuas ancas habitam
as vésperas do retorno.
Meu timão espera estios
para vogar no teu corpo.

No teu brando olhar habita
o roteiro dos meus passos.
Quando me inunda o teu cio,
navego-te em meus abraços.

Habita nos nossos corpos,
em tanto frêmito unidos,
a ressurreição dos mortos.

Habitam a mão de Deus
os nossos gestos cumpridos,
que já não são meus nem teus.

LUCIANO MAIA é cearense de Limoeiro do Norte, onde nasceu a 7 de janeiro de 1949. O rio Jaguaribe, que banha a cidade, é presença constante na escritura poética de Luciano Maia, sendo, inclusive, título de livro seu, um longo poema em que celebra o rio tutelar do Ceará. Luciano Maia é bacharel em Direito e cursa atualmente o Mestrado em Letras na UFC. Conhece vários países da Europa, Ásia e América Latina. É estudioso das línguas neolatinas, já tendo publicado trabalho na área da lingüística românica. É tradutor de literatura romena, com livro a sair pela Presença Edições, do Rio de Janeiro, onde se reúnem diversos autores romenos. Tem doze livros publicados: poesia, ficção, crônica, ensaios.

SONETO NO CORAÇÃO DO DIA

Um suspiro frenético nas árvores.
Luzes bailando, dançarinos brilhos.
O sol crescendo em ouro os seus olhares,
nos despertando os corpos aquecidos.

A cor dos céus cingindo a cor dos mares
e no horizonte todos os matizes
do verdazul profundo dessas tardes
vindas de encantamento desmedido.

Tu eras a presença mais carinho,
a mais nossa ternura merecida,
o presente do amor, o gesto lindo.

E eu era quem das chamas me aquecia
do incêndio brando que nos ia unindo
no imenso coração daquele dia.

SONETO DO INSTANTE INDIVISÍVEL

Uma flor, outra flor, este perfume.
Imanente carícia o nosso olhar.
Cúmplice, a noite. Inquieto vagalume
Luz pequenina, errante, a devassar

o noturno lilás e as estrelinhas
de distante aconchego, a nos mirar
por dentro o coração: tuas e minhas
ternuras se confundem, devagar.

O vento, passeando no jardim,
segreda intimidades: nossos dois
desejos juntos, geminando assim

este agora e o momento de depois.
Adivinham-se os gestos dos amantes,
tornando um só seus íntimos instantes.

TRÊS MOMENTOS

Colhemos os mais íntimos sinais
de um trevo enamorado que irradia
os perfumes das horas sensuais
nos três tempos de amor do nosso dia.

Luz na manhã de cores estivais.
Sol na tarde, em serena travessia.
Noite, canção de estrela azul demais.
Comunhão de fecunda trilogia.

E se refaz o tempo, em gestos lentos.
E os corações, unânimes, vibrantes,
regressam ao fulgor desses momentos.

Do depois faz-se o início de outros antes.
Perene correnteza dos eventos
para o tempo sem termo dos amantes.

LUIZ MANZOLILLO, carioca, 63, está em Brasília desde 1973. Já publicou oito trabalhos, entre eles *A hora do poder* (romance), *O Brasil socialista - como será?* (ensaio), *A Chinese dagger* (mistério, em tradução, na Miami Book Fair International) e *Infinita espiral* (poesia), além de *Conexão Ômega* (folhetim). Em 1991 obteve o Prêmio Afonso Arinos (Academia Brasileira de Letras) com *A barca de Ceres* (contos e novelas). Tem prontos *Oh! Shirley...* (teatro) e *Horizonte do sonho oricabana* (romance). Pertence à Academia de Letras do Brasil, Academia Taguatinguense de Letras, Academia Barbaçenense de Letras, Sindicato de Escritores do Distrito Federal e Associação Nacional de Escritores, da qual é diretor.

VIA LÁCTEA NA TIJUCA

Se dizem-me insensato por ouvir
Estrelas qual Bilac, talvez razão
Proveja. Mas é inútil argüir
A racionalidade ao coração

Devo do amor insano refugir?
A estrela amiga abandonar de mão?
Não posso. Então convido-os a assistir
Da Via Láctea a mágica atração

Direis agora: que paixão se inculca
Na mente do poeta ante as estrelas
A pratear as matas da Tijuca?

Eu vos responderei que reincido
E apenas por olhá-las possa tê-las
E ouvi-las como o amor não tem me ouvido

INGÊNUA

Aos mestres do Romantismo

Ingênuo como o orvalho cristalino
Caído quando a noite desce
Ingênuo como o floco matutino
No inverno atapetando a messe

Ingênuo como o véu alabastrino
Da virgem na piedosa prece
Ingênuo qual o riso do menino
Que o pranto agônico esvanece

Ingênuo... como o ingênuo desse azul
Dos olhos teus que me enamoram
Ingênuo mais que esses vergéis do sul

Ingênuo... ingênuo assim pensar quem há de?
Fada bondosa que esplendora
Ingênuo como a própria ingenuidade...

LÁGRIMA

Ó lágrima contrita, recorrente
Dos olhos marejados de quem chora
Não sentes na tristeza a dor que mora
A saudade, talvez, de alguém ausente?

Tu és a companheira intermitente
Da esperança perdida de uma hora
Mas és volúvel e falaz, embora
Poreje d'alma dor atroz, ingente

Como és amarga, lágrima angustiosa
Rolando apaixonadamente louca
Na agonia da sina desditosa...

Mas logo vais. A mágoa não é tanta
Secam-se os olhos que a tristeza touca
Olhos que a alma, cúmplice, acalanta

MARIA BRAGA HORTA nasceu em Bom Jesus da Cachoeira Alegre, distrito de Muriaé (MG), em 17 de fevereiro de 1913. Faleceu em Brasília, em 6 de abril de 1980. Até os 20 anos, publicou intensamente em órgãos da imprensa de diversos Estados. A partir dos anos 60, ganha alguns prêmios literários e volta a publicar no *Suplemento Literário do Minas Gerais*, na *Revista de Poesia e Crítica*, na *Revista da Academia Brasiliense de Letras*, etc. Não viu, porém, impresso o seu livro, *Caminho de estrelas*, que os filhos pretendem editar proximamente. Figura em algumas coletâneas, como a *Antologia dos poetas de Brasília*, de Joanyr de Oliveira.

OBRIGADA, AMOR!

Obrigada por tudo, amor! Por teu amor,
pelo céu, pelo mar, pela terra! Obrigada
por me fazeres rir e chorar, pela dor
de te esperar, em vão, numa noite estrelada...

E por vires, depois, me trazendo uma flor,
me fazendo esquecer toda a mágoa passada!
Pela breve carícia, entre anseio e temor,
pelo beijo roubado... e por tudo: obrigada!

Pelo sonho, o ciúme, a saudade, a ilusão,
a inquietude, o desejo, a sublime emoção
no infinito prazer de amar e ser amada!

E por tua presença eterna em meus sentidos
no ardor de reviver os momentos vividos:
muito obrigada, amor! Amor, muito obrigada!

VELHO TEMA, EM VELHO ESTILO

Eu, que de amar e amor tenho vivido,
vou, de amar, pouco a pouco definhando:
do meu amor caindo em triste olvido
e de vãs ilusões me sustentando.

Já de etéreas miragens hei descido
e (mais de perto a vida contemplando)
vejo o que vira do alto almo e florido
rudes deformações ora mostrando.

Mas, se de amor mister viver me fora
outra vida (e outro tanto amarga e doce),
sendo ele o senhor, eu a senhora,

haveria por bem ter de vivê-la,
tão parca fosse a recompensa, e eu fosse
tão feliz como hei sido ao recebê-la.

LIRISMO

Fale um outro poeta mais austero
de temas, em geral, de alto horizonte,
ou imite Camões, Virgílio, Homero,
buscando a inspiração em nobre fonte.

Que eu não tento transpor tão longa ponte
e penetrar num mundo tão severo.
Como Kháyyám, Gonzaga e Anacreonte,
só canto o amor, só dele a glória espero.

"Ser poeta é ser triste." Esta legenda
vem na frente do poeta e é como prenda
que lhe fazem as musas no batismo.

Desse prêmio, porém, não tive a parte,
e me faltando enredo, engenho e arte,
falo de amor no mais banal lirismo.

Para Nilto Maciel,
poeta, a cujo pref
e consagração ao contista
vai aqui na *Revista*
o abraço, João Brasil,
do *Saco*
Brasília, 28-10-94.

NILTO MACIEL nasceu em Baturité (CE), 1945. Reside em Brasília. Formado em Direito. Publicou: *Itinerário* (1974), *Tempos de mula preta* (1981), *Punhalzinho cravado de ódio* (1986), *As insolentes patas do cão* (1991), de contos, e os romances *A guerra da donzela* (1982), *Estaca zero* (1987), *Os guerreiros de Monte-Mor* (1988), *O cabra que virou bode* (1991) e *Os varões de Palma* (1994). Seus poemas estão em antologias, revistas e jornais. Participou da criação e direção da revista *O Saco* (1976-1977). Edita *Literatura*, *Revista do Escritor Brasileiro*. Alguns prêmios, como o Brasília de Literatura, categoria romance, com o ainda inédito *A última noite de Helena*, e o Graciliano Ramos - 1993, com o romance *Os luzeiros do mundo*.

OFERENDA

Não te ofereço meu profano amor,
nem versos líricos à moda antiga
e muito menos minha meia vida,
para não parecer um sonhador.

Eu te ofereço solidão e dor,
esse quintal de musgos construído,
onde descubro meus instantes idos
em cada canto pleno de amargor.

Eu te ofereço minha inquietação
e a máscara de gesso e algodão
que esconde o ser soturno que me lembra.

Eu te ofereço sonhos e delírios,
mundos de encantos, fadas, bosques, lírios,
onde não durmo p'ra sonhar-te sempre.

NEM TODO AMOR...

Nem todo amor é carne, ardência, gana,
prazer noturno dos amantes mouros,
desejo vão de entrega e posse humana,
como se amar fosse roubar tesouros.

Nem todo amor é tal que fere e dana,
sangue a correr por fundos sangradouros,
irrefreável, quente, quando emana
de corações ardentes quais de touros.

O meu amor é tão-somente ter
enlevo pela alvura de teu ser,
lírio do campo como nunca visto.

O meu amor é interminável canto,
adoração por existires tanto,
ao mesmo tempo que também existo.

19/3/88

TRAIÇÕES

Sou como aquele Radamés do Egito,
que se inundou da mais mortal paixão
por uma escrava negra, de outro rito,
e seu país traiu, num sonho vão.

Por teu amor, de vil traição me inundo,
e traio o Egito antigo e traio o novo,
traio o Brasil, qualquer país do mundo,
a própria humanidade, o próprio povo.

Por ti, escrava branca de Jeová,
serei capaz de dar, de novo e já,
Jesus à cruz, ser outro triste Judas.

Por ti, pequena e bela margarida,
eu sou capaz de dar a própria vida
e até de me fazer traições agudas.

19/8/88

OLGA SAVARY nasceu em Belém (PA). Nove livros publicados: *Espelho provisório* (1970), *Sumidouro* (1977), *Altaonda* (1979), *Natureza viva: seleta dos melhores poemas de Olga Savary* (1982), *Magma* (1982), *Haikais* (1986), *Linha d'água* (1987), *Retratos* (1989) e *Berço esplêndido* (1993). Quinze prêmios nacionais de literatura. Incluída em várias antologias de poesia e conto, no Brasil e no exterior. Organizou algumas antologias de poesia, entre as quais *Carne viva* (1ª antologia brasileira de poemas eróticos, reunindo 77 poetas, 1984) e *Antologia da nova poesia brasileira*, panorâmica com mais de 300 poetas. Traduziu mais de 30 títulos dos principais escritores hispano-americanos (Neruda, Cortázar, Paz, Fuentes, Vargas Llosa, Borges etc).

YRUÁIA*

Par abissal
num mar em fúria
eis-nos tangidos:
navio alado.

Amo este começo de água
lá onde és roxo
e não te escondes, te dás
sem te entregares nunca

(mas se não te entregas,
então quando?)
Amo este início de água,

água onde comesças
quando em ti levanta
este levante de pássaros.

** do tupi: canal que não seca.*

FRUTOS

Não me agradam os frutos ainda verdes.
Aquele que me agrada é belo como
um fruto maduro, até passado.
O que me agrada tem na saliva

o odor da seiva da caneleira.
O que me agrada ruge palavras
– estas – secretas e devassas.
Aquele que amo desencadeia

em mim e nele esta paixão
na interpenetração de seda e violência.
O que me agrada, toda úmida,

me faz bela como nenhuma outra,
tendo minhas pernas coroadas
suas ilhargas.

NOME

Dar às coisas outro nome
que não o vosso, amor, não pude.
Nem pude ser mais doce e sim mais rude
por conta das lamentações mais ásperas,

por causa do agravo que pensei ser vosso.
Amor era o nome de tudo, estava em tudo,
era o nome do macho cheirando a esterco,
a frutos passados e a raízes raras.

De posse da intimidade da água
e da intimidade da terra,
a animais vorazes é a que sabíamos.

Amor é com quem me deito e deixo montar
minhas coxas em forma de forquilha e onde
amor abre caminho pelas minhas águas.

PAULO NUNES BATISTA nasceu em João Pessoa (PB), a 2 de agosto de 1924. Radicado em Anápolis (GO). Bacharel em Direito. Começou a publicar poesias no jornal *O Malho* e na *Revista da Semana*, no Rio de Janeiro, onde morou. Tem cinco livros de poesia publicados: *Canto presente*, *Cantigas da paz*, *A caminho do azul*, *De mãos acesas* e *ABC de luz*, além de um *ABC de Carlos Drummond de Andrade e outros abecês*, *O cordel iluminado* e mais de 120 folhetos e folhas volantes (cordel). Seu nome consta de obras como a *Grande Enciclopédia Delta Larousse* (verbete "cordel"), *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, *Trovadores do Brasil* e muitas outras. Participou de diversas antologias.

AMOR?!...

Será que te amo, mesmo? Ou quero, apenas,
gozar teu corpo, usar de teus carinhos
e andar contigo todos os caminhos
que as taças do Prazer nos deixam plenas?

Quando chegar o tempo dos espinhos
e as ilusões, alígeras falenas,
se forem, restarão horas serenas
e essas mãos dadas, para dois velhinhos?

O amor não morre em meio às tempestades,
enfrenta as estações, vence as idades,
goza o Desejo, sonha em noites calmas...

Se é que te amo deveras, e se me amas,
acesas para sempre irão, as chamas
do amor iluminar as nossas almas!...

Anápolis, 24/3/93

FRUSTRAÇÃO

Beijo os cabelos teus, teus olhos beijo
e beijo apaixonado os teus ouvidos.
E em tua boca, em beijos atrevidos,
acendo e assanho a serpe do Desejo.

Beijo-te as mãos. Ave! em suave adejo
beijo os teus seios para o beijo erguidos.
Meus beijos, musicais e coloridos,
cobrem teu corpo, sátiros sem pejo.

E a cada vez que os ósculos cantantes
na magia do amor em ti deponho,
mais me toma a loucura dos amantes.

Nas asas desse turbilhão, tristonho
estou, no auge dos beijos delirantes,
na noite, frio e só, beijando um sonho!..

Anápolis, 24/3/93

FÊMEA

Tens a manhã no olhar e nos cabelos levas
a noite. Em teu sorriso ri-se a alma do dia.
Tua fala me traz, a estreluzir nas trevas,
Vias Lácteas de amor nos céus da Fantasia.

Teu andar tem a cor do mistério das Evas
de onde, em ondas de Sol, o Prazer se irradia.
Vem de ti esse odor que atrai homens e devas
para o sabor do Chão no orgasmo da Alegria.

És, síntese feliz, nossa Irmã Natureza
em corpo de Mulher, de Desejos vestida
para a consagração do himeneu da Beleza.

És mais que uma mulher: és a Mulher, Querida –
a Estrela que Deus pôs, supinamente acesa,
para – nos dando a luz – dar vida à própria Vida!...

Anápolis, 24/4/93

RAIMUNDO ALENCAR PEIXOTO nasceu na cidade pernambucana de Granito, onde o pai exercia a função de Adjunto de Promotor, a 15 de agosto de 1923. Filiação: Antônio Peixoto de Luna (Tonho) e Maria de Alencar Peixoto (Sinhorinha). Raimundo aprendeu a ler com o pai, poeta. Nunca frequentou escola. Viveu da agricultura na fazenda Barreiras e cultivou mandioca na Chapada do Araripe, até ocupar o cargo de Agente Administrativo Fiscal da Secretaria da Fazenda do Estado de Pernambuco, no qual se aposentou em 1988. É co-autor do livro *Cartas & Poemas Pé-de-Serristas*, poesia no linguajar matuto, publicado em Brasília em 1991. Em 1993 publicou *Visita ao Pé-da-Serra*. Reside na cidade de Petrolina (PE).

TARDE DEMAIS

Já é tarde, Celina, é muito tarde!...
Você se demorou na caminhada;
e de tanto esperar sua chegada
a chama do amor, em mim, já não arde.

Não fique a sussurrar que sou covarde
por não trilharmos mais a mesma estrada,
também não quero ver você zangada
a vingar-se de mim com certo alarde.

Adoro os seus abraços, os seus beijos,
mas não posso vencer os seus desejos,
da velhice eu já provo o dissabor...

Você diz que me ama, eu acredito,
mas assim nosso amor não é bonito:
eu sinto frio, você sente calor!...

DIANTE DELA

Sei me conter, mas toda vez que a vejo
sinto o desejo de a tomar nos braços,
sufocá-la com beijos e abraços
e aplacar o meu maior desejo.

Na vida ela me segue os tristes passos,
tristes pois não consigo o bem que almejo,
mas se ela quisesse com um só beijo
me elevaria do pó para os espaços!...

Um beijo só, bem pouco eu peço, e apenas
a luz divina dos seus olhos pretos
suaviza, de leve, as minhas penas.

E me inspira a sua imagem bela
a escrever para ela alguns sonetos
como este que escrevi diante dela.

O TEU OLHAR

O teu olhar, Geni, é o nascer da aurora.
O teu olhar, Geni, é um olhar de santa.
O teu olhar, Geni, tanto me encanta
que fico extático ao contemplá-lo, ó loura!

O teu olhar, Geni, a dor quebranta.
O teu olhar, Geni, meu coração enflora.
O teu olhar, Geni, faz rir quem chora
de dor pungente e de saudade tanta!...

Olhar divino de um fulgor sublime!
Olhar meigo, olhar firme, olhar tão santo.
Olhar que a alva esplêndida exprime.

O teu olhar, Geni, mitiga o pranto.
E só, ó virgem, o teu olhar suprime
as aflições que me entristecem tanto.

THIAGO DE MELLO nasceu em Barreirinha (AM), a 30 de março de 1926. Publicou *Coração da terra* (1947), *Silêncio e palavra* (1951), *Narciso cego* (1952), *A lenda da rosa* (1956), *Notícia da visitação que fiz no verão de 1963 ao rio Amazonas e seus barrancos* (1957), *Vento geral* (1960), *Madrugada camponesa* (1962), *Faz escuro mas eu canto* (65), *Faz escuro mas eu canto: a canção do amor armado* (1966), *Poesia comprometida com a minha e tua vida* (1975), *Canto do amor armado* (1975), *Os estatutos do homem* (1977), *Horóscopo para os que estão vivos* (1980), *Mormaço na floresta* (1981) e muitos outros, inclusive ensaios. Esteve exilado no Chile, onde atualmente vive.

JANELA DO AMOR IMPERFEITO

Alta esquina no céu, tua janela
surge da sombra e a sombra faz dourada.
Já não me sinto só diante dela,
me chega doce o fel da madrugada.

Atrás dela te estendes alva e em sonho
me levas desamado sem saber
que mais amor te invento e que te ponho
sobre o corpo um lençol de amanhecer.

Doce é saber que dormes leve e pura,
depois da dura e fatigante lida
que a vida já te deu. Mas é doçura

que sabe a sal no mais azul do peito
onde o amor sofre a pena malferida
de ser tão grande e ser tão imperfeito.

POEMA DA PRAÇA DESTERRADA

Em abril, certa noite estive perto
da esperança de povo erguido em canto.
Antes nunca jamais meu peito certo
esteve da alegria, mas o pranto

foi que desceu lavrando no deserto
da praça desterrada. O meu espanto
não foi de ver o coração coberto
pelo medo feroz, de turvo manto.

Mas de ver que ninguém amar sabia,
como quem ama a rosa namorada,
a pátria de repente degradada.

Ver que ninguém na rua uma canção
cantou de amor chamando à rebeldia
para o trabalho amargo da alegria.

AMOR, PURA CONTRADIÇÃO

Porque o amor não tenho de quem amo
escrevo este soneto de alegria.
Cantando vou no vento que proclamo
meu companheiro de melancolia.

Caminho pela noite à luz do dia.
A solidão floresce, doce ramo
de ternura que inventa a companhia
perfumada do peito que reclamo.

Mais profunda que a pena de perdê-la
é a espinha dessa flor imerecida
é a esperança perdida de esquecê-la.

Da mágoa já cerrada está a ferida
porque pelo milagre de querê-la
abre-se em rosa a dor da minha vida.

O NÁUFRAGO

teu corpo negro iluminava tudo
com seus segredos fundos de mulher
e nele eu me enconchava em caramujo
no refluir-fruir dessa maré

de barcos emboscados no ar escuro
naufragando cardumes de suor
teu corpo negro então ficava sujo
de claridade e desmanchava o sol

em golfadas de trêmulas espumas
teu corpo negro – ilha de penumbra
a derramar-se em luz no travesseiro

e eu náufrago de tudo ali batesse
às praias de teu corpo e me enroscasse
nos minérios malinos de teus pêlos.

ARQUIVO-MORTO

Para Rosário

onde guardar o amor que não foi dado
ou que dado não foi correspondido?
onde esconder o gesto obliterado
que se perdeu, por falta de sentido?

onde enterrar o olhar que não cabia,
a palavra não dita ou o seu cicio?
e a mão que se encolheu, trêmula e fria,
com medo de estender-se no vazio?

onde enxertar o sol dos dias felizes
ou embuçar o sal das cicatrizes,
o desejo do beijo não roubado?

onde enfeixar a vida dissipada,
tudo o que foi e agora é apenas nada,
pó na porta emperrada do passado?

O BRILHO

quem subirá da noite incendiada
em nuvens de neon pela avenida,
fosforescendo em fogo nas fachadas
legumes de luar, flores falidas?

quem pousará o pássaro da vida
nas chispas da manhã despetalada,
navivagando a noite inconcluída,
tumor roendo as pústulas do nada?

quem abrirá a última sacada
e sorverá, insone, a madrugada
para beber a listra incandescente

que o sol acenderá sobre o horizonte
e brilhará, fugaz, como uma ponte
pra sempre derruída no presente?

*Alma minha gentil, que te partiste
tão cedo desta vida, descontente,
repousa lá no Céu eternamente,
e viva eu cá na terra sempre triste.*

*Se lá no assento etéreo, onde subiste,
memória desta vida se consente,
não te esqueças daquele amor ardente
que já nos olhos meus tão puro viste.*

*E se vires que pode merecer-te
algũa cousa a dor que me ficou
da mágoa, sem remédio, de perder-te,*

*roga a Deus, que teus anos encurtou,
que tão cedo de cá me leve a ver-te,
quão cedo de meus olhos te levou.*

Luis de Camões

Composição, impressão e acabamento:

**GRÁFICA
SCORTECCI**

Caixa Postal 11481 - São Paulo - SP - CEP 05422-970

Telefones: (011) 210 1179 e 210 6501

JS 1661 - Junho de 1994 - 1ª edição